

ANTONIO CANDIDO, LEITOR DE LITERATURA HISPANOAMERICANA¹

<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i35p37-53>

Pablo Rocca²

I. Até onde sabemos, Antonio Candido publicou seu primeiro artigo em 1º de novembro de 1934 na revista *Ariel, Órgão da Academia Ginásiana de Letras*, de Poços de Caldas (MG), cidadezinha onde morava com sua família. Como se fosse uma profecia, esse artigo, feito por um moço de dezesseis anos de idade, intitula-se “Um pouco de história”. Junto a este artigo, na mesma primeira página, o editorial escrito pela equipe de professores que a dirigia, invoca *Ariel*, que “sendo o deus symbolizador da

¹ Uma primeira versão deste texto foi lido na abertura do XIV Seminário Internacional de História da Literatura, dirigido-pela Dr^a Maria Eunice Moreira, em 9/X/2021, a quem sou grato por seu gentil convite. Este texto será destinado a um livro que reunirá as comunicações. Por sua vez, uma versão do mesmo texto em espanhol, que não inclui as anotações sobre o curso ministrado em 1960 em Montevideu, já que, por acaso, estas foram achadas depois, apareceu na revista *Hispanamérica*, Maryland, Nº 151, 2022, graças ao gentil convite do Dr. Saúl Sosnowski.

A “descoberta” merece um esclarecimento. A síntese das quatro aulas do curso sobre literatura latino-americana do Dr. Antonio Candido, ministrado no começo de fevereiro de 1960, foi taquigrafado por Gutemberg Charquero e Carlos Alberto Passos. Posteriormente, o professor Candido revisou essas notas e, segundo parece, com o passar dos anos esqueceu-se do texto. Como disse, escrita a versão em espanhol deste texto, em julho deste ano 2022, recebi das mãos do diretor de cinema Mario Jacob, compatriota e amigo, o volume que o inclui. Trata-se de um livro muito modesto, mas muito bem cuidado, feito pela equipe de Extensão da Universidad de la República em mimeografo. Sua circulação foi mínima; verifiquei apenas a existência de um exemplar na Biblioteca da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación em todos os repositórios bibliográficos da Universidade pública. Que eu saiba esta é a primeira vez que o texto se reproduz graças à acolhida generosa de *Literatura e Sociedade* e, que eu saiba, nunca foi utilizado, citado, nem mencionado por ninguém.

² Universidad de la República Uruguay

juventude, têm por escopo proporcionar meios, pelos quaes a mocidade possa se expandir” (Apud Dantas, 2002: 50).³

Em *The Tempest*, Ariel é o símbolo do ânimo juvenil, manejado pelo mágico Próspero. No entanto, mais ainda que pelos prestígios do texto shakespeariano, como símbolo do idealismo juvenil Ariel se projeta na América Latina pela fortuna do folheto homônimo de José Enrique Rodó, publicado em Montevideu em 1900 e, logo, reproduzido por diferentes partes da América e muito lido por sua *inteligentsia* (Rocca, em Rodó, [1900] 2019). Rodó observa o avanço do materialismo grosseiro nos Estados Unidos, e em movimento antípoda confia que a “juventude da América”, à que dedica sua obra, defenda a “espiritualidade da cultura, a vivacidade e graça da inteligência, o termo ideal a que eleva-se a seleção humana” (Rodó, [1900] 2019: 62).⁴ A essa chamada espiritualista, Rodó acrescenta uma convocatória política em defesa dos valores perenes ameaçados pelo utilitarismo. O reclamo não era novo, mas a moderação e o cuidado formal com que foi feito esse discurso – relato, e ensaio e oratória dramatizada –, lhe asseguraram ainda boa acolhida em círculos conservadores. O adolescente Antonio Candido parece um discípulo atento de Próspero de Rodó. Em linha com a segunda variante publicada em *Ariel* (a política), nesse texto primeiro prevalece a concreta preocupação pelo mundo contemporâneo. Não se trata, agora, de achar coerências *a posteriori* já que houve modificações no ângulo da visão. Quiçá surpreendidos pela eficácia de sua prosa e a madureza de suas ideias pacifistas e anti-totalitárias, os editores colocaram “Um pouco de história” como continuação do editorial. Pelo que conhecemos do texto – sua reprodução parcial foi divulgada por Vinicius Dantas em 2002 –, o artigo trata da política internacional alemã no ano crucial de 1934, no qual os fascismos estão começando sua cruel política na Europa, ameaça que Rodó, falecido em 1917 antes do fim da primeira guerra mundial, antes do triunfo da revolução bolchevique, e muito antes da Marcha sobre Roma, nem sequer poderia imaginar.

Em resumo, desde começos da escrita de Antonio Candido as faces estética e política não olham para lados opostos, como as de Jano. Talvez nessa posição crítica, o jovem Candido deva alguma coisa a Rodó, embora, diferente dele, nunca será um acabado exemplo arieliano, nunca vai se transformar “de crítico literário em moralista”, segundo o certo juízo de

³ Os diretores da revista: Spartaco Vizzotto, Edmundo M. Genofre y Cicero B. Vianna.

⁴ A tradução do trecho é de minha autoria.

Henríquez Ureña sobre o “Mestre de América” (Henríquez Ureña, 1949: 183). Pelo contrário, Candido manterá sempre uma atitude de militância política, que nunca supôs uma associação dessa atividade com o estético nem desejou pregar em tom magistral.⁵ Com somas e subtrações, a aproximação a Rodó – um autor que foi debatido bem cedo no Brasil (Rocca, 2017) – poderia ser a primeira conexão de Antonio Candido com Hispano-América ou com um dos seus textos capitais.

A rigor, seu contato vai além do marco pedagógico. Quando era um jovem estudante de Medicina, aos vinte dois anos de idade, Aristides Candido de Mello e Souza, futuro pai do crítico, fez uma viagem a Montevideu a fim de participar de um encontro de estudantes. Nesses tempos, viajar dentro da América Latina era estranho, as línguas portuguesa e espanhola se olhavam como vizinhas receosas. Montevideu foi para aquele jovem uma porta aberta para conhecer uma peculiar versão do hispano-americano:

No ano de 1908 o Ministério das Relações Exteriores mandou ao Uruguai uma missão de estudantes, entre os quais [meu pai]. [...] os rapazes foram muito bem recebidos pela sociedade local [...] Tenho ainda um cartão do ilustre Juan Zorrilla de San Martín ao “talentoso joven Aristides Mello”. Além disso, Zorrilla lhe deu com dedicatórias amáveis seus livros *Tabaré* e *Resonancias del camino*. Teve relações com Carlos María Prando, que lhe ofereceu com longa dedicatória *Motivos de Proteo* [de José Enrique Rodó]; com Pablo Blanco Acevedo, que também lhe deu com dedicatória a sua pequena história do Uruguai; o mesmo fez o poeta César Miranda com *Leyendas del alma*. Quando fui a Montevideo mais de meio século depois, tive o prazer de encontrar pessoas que se lembravam de meu pai e falavam dele com carinho (Apud Rocca, 2006: 212; Rocca, 2009: 19).

É provável que nesse depoimento, oferecido em 25 de setembro de 2004, a prodigiosa memória de Antonio Candido tenha falhado nesse detalhe, que para nós, agora, é significativo. *Motivos de Proteo* foi publicado uns meses após a visita de seu pai a Montevideu. Portanto, Prando – amigo de Rodó –, seria o autor da dedicatória do livro e também quem teria enviado esse exemplar ao já retornado visitante, ou, simplesmente, – o que é menos provável – Carlos María Prando lhe deu de presente um volume de *Ariel*. Seja o que for, o livro ou os livros de Rodó estavam na casa de Antonio Candido antes de seu nascimento. Isto fez com que, em certo

⁵ A mesma ideia de Henríquez Ureña será retomada por Manuel Bandeira na sua *História da literatura hispanoamericana*, de 1949: “Em Rodó coexistiam harmoniosamente um crítico, um poeta, e um moralista”. E ainda acrescenta: r: “[o] motivo capital do ensaio [é] –alertar contra a *nordomanía* que o êxito material da grande nação do Norte suscitava no mundo hispano-americano” (Bandeira, [1949] 1969: 176, 177).

momento da sua vida adulta, prestasse atenção nas ideias enfáticas de Rodó, num livro brasileiro politicamente mais situado, e que muito apreciou. Trata-se de *A América Latina. Males de origem*, de Manoel Bomfim. O prefácio desta obra, com mais de quatrocentas páginas, está datado de Paris, em 1903, três anos depois aparição de *Ariel*, trabalho que Bomfim não menciona, talvez porque ainda muito cedo, antes da onda expansiva do modesto e potente folheto de José Enrique Rodó chegar à França. Em seu texto, Bomfim ensaia uma perspectiva evolucionista sobre defeitos e virtudes americanas em relação ao europeu, ao fenómeno civilizatório e à ideia do desejado progresso. Numa rápida comparação as discordâncias são evidentes: *Ariel* ignora as condições materiais dos postergados da América, mas promove a educação e os ideias da alta cultura, com alguma fonte comum, em especial com base no pensamento de Ernest Renan; Manoel Bomfim rejeita o pensamento conservador na América, que percebe triunfal, e pede um lugar para os esquecidos. Ao final do seu extenso exame, reclama – em tom semelhante – “liberdade para querer, inteligência para realizar” (Bomfim, 1905: 422).

Talvez nestes dois textos se possa explorar a dupla raiz latino-americanista de Candido, que nunca escreveu nada sobre Rodó, fora uma ou outra referência circunstancial. Sobre Bomfim, sabe-se que tratou o mais importante dos seus textos sobre a relação entre Brasil e Hispano-América na última etapa da sua vida ativa. Depois de revisar diferentes textos sobre a relação entre os brasileiros e seus vizinhos, Candido escolhe acabar o artigo com o exame do livro de Bomfim: “Ele mostra que o conservantismo na América Latina foi tanto mais forte, quanto inconsciente, por ser visceral”, enquanto todas as posições anteriores “servem para mascarar o essencial, isto é, o mecanismo de permanência baseadas na espoliação econômica das massas trabalhadoras” (Candido, [1989] 2004: 153). É provável que tenha chegado à obra de Bomfim a partir do seu admirado Sílvio Romero, que considerou o hercúleo pai da crítica e da historiografia literárias e culturais do Brasil (Candido, [1945] 1988). Tudo aquilo que achou de bom em Romero, para a construção das bases de uma pesquisa sobre a poesia popular e sobre o romance moderno, apesar de sua agressividade contra Machado de Assis e outros desvios, para Candido, piorou quando na maturidade releu os artigos de Romero, que constam do volume de 1906, contra *A América Latina*, de Bomfim. Neles, Romero expressa um nacionalismo inflexível. Em 1989, comparando os dois textos,

conclui enfaticamente: “é curioso que hoje o livro mais erudito de Sílvio Romero nada signifique, enquanto o malcomposto, pouco fundamentado mas genialmente inspirado de Manoel Bomfim esteja cada vez mais vivo” (Candido, [1989] 2004: 153). É provável que só pudesse alcançar esta convicção depois da Revolução cubana, que logo abraçou. Ainda mais, não há dúvida de que nessa passagem de um certo nacionalismo brasileiro para um nacionalismo latino americanista, que Cuba provocou em Candido, como em tantos outros, em que gravitou a opinião do seu amigo Ángel Rama, a quem tinha recomendado uma seleção de escritos de Sílvio Romero para a Biblioteca Ayacucho, de Caracas. Em 17 de março de 1977 Rama escreveu: “Em Stanford pude ler o volume de resposta a Bomfim, que me deixou consternado, pareceu-me pretensioso, arrogante e errado. Não sei o que você pensa, mas acho muito melhor o livro de Bomfim”. Em 28 de março Candido admite seu possível desacerto na escolha: “lido agora, [Romero] enche de decepção. É demasiado irregular, frequentemente mau crítico, cheio de preconceitos, vaidoso, obnubilado pelas suas manias. O que fez com Manoel Bomfim é incrível; você verá no meu texto a impressão que deixei registrada a respeito e coincide com a sua” (Candido/ Rama, 2016: 103-105; 2018: 133, 136).

II. As contribuições de Antonio Candido sobre as letras hispano-americanas demoraram a aparecer. E ainda estas referências estão ausentes como termos de comparação com a literatura brasileira. Sua frequência da escrita literária hispano-americana não foi muita, embora tenha reconhecido que pelas edições mexicanas do Fondo de Cultura Económica conseguiu ler textos de outras línguas europeias que não circularam no Brasil. Poderia até ir mais longe: em Candido a ideia de América vizinha foi marcada por sua precedente imagem de um Brasil finalmente homogêneo pela língua portuguesa. No artigo antes citado ele parte de dois pressupostos que sustentam esta hipótese: 1) há dois “grandes blocos linguísticos da América”: Brasil e Hispano-América; 2) Brasil “se preocupa mais com o bloco hispano do que o contrário” (Candido, [1989] 2004: 153). A rigor, esses dois blocos (bem que haveria que pensar no esquecido Caribe) têm uma língua oficial europeia e uma literatura derivada dessa situação colonial, mas seus habitantes são mais que os dessas línguas, e até suas literaturas o são, que tinham sido relegadas. As variantes do espanhol são imensas de uma região para outra, fenômeno

que Candido evidentemente não ignora, mas prefere pensar em termos estatais e na relação de dependência com a matriz colonial, como costuma pensar o exemplo brasileiro. Por outro lado, nesse artigo decisivo de 1989, Candido não indica fonte alguma que confirme sua afirmação sobre a indiferença ou a escassa frequência do Brasil por hispano-americanos. Para a época, a Biblioteca Ayacucho havia entregado, junto com sua ativa colaboração, vários títulos, além de outras tantas coleções de impacto não menor, como os livros do Fondo de Cultura Económica, bem como várias coleções e livros feitos em diferentes estados nacionais americanos, que, mais cedo ou mais tarde, acabam influenciando um melhor conhecimento da literatura brasileira. É o caso da Colección Problemas Americanos, dirigida por Newton Freitas em Buenos Aires, em 1942, que publicou pequenos livros dele próprio (*Los ríos del Brasil*) e outros de Lídia Besouchet, Mário de Andrade, Astrojildo Pereira e alguns estudos sobre cultura e literatura do Brasil. Se como for, em 1989 a pesquisa sobre este campo era reduzida.

A formação de Antonio Candido era nacional e ocidentalizada, acima de tudo de matriz francesa. Curiosamente o primeiro artigo seu traduzido ao espanhol, pelo que sei nunca publicado em português, apareceu em Montevideu, em 1946, em um livro que reúne colaborações de historiadores notáveis e críticos latino-americanos sobre a França na América. Esse artigo – escrito pouco depois da tese sobre Sílvio Romero –, muito mal traduzido e atropelado por erros tipográficos, leva o título “La influencia francesa en la literatura brasileña”. Nesse momento, sua defesa do conceito de “influencia”, que vai superar na reflexão inicial de *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos* – como recentemente observado (Herrera Pardo, 2018) – aponta por sua vez o caminho geralmente benéfico da França, que permitiu a criação de “un nuevo humanismo vasto y fraterno” no Brasil (Candido, 1946: 62). O mesmo foi pensado por muitos para as diferentes áreas hispano-americanas, mas para o crítico brasileiro a França aparece como metonímia do pensamento moderno ocidental, base para o exemplo civilizatório brasileiro e, por extensão, americano.

III. No verão de 1960 Antonio Candido foi convidado para ministrar um curso na Universidad de la República, em Montevideu, dentro de um programa organizado pelo Consejo Interuniversitario Regional, que envolvia instituições acadêmicas da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai.

Candido chegou à capital uruguaia precedido pela divulgação de um breve panorama sobre a literatura brasileira de sua autoria, texto publicado dois anos antes no número monográfico da revista *Ficción*, de Buenos Aires, dedicado ao Brasil (Candido, 1958). Essa revista-livro tem traduções de autores brasileiros clássicos, como Machado de Assis, e de produções contemporâneas, como uma peça breve da então quase desconhecida Clarice Lispector, além de contar com vários artigos sobre diferentes temas. Somente uma minoria muito restrita poderia se lembrar desse texto, ou alguém com uma memória muito mais nítida poderia recuperar aquela resposta dada por Candido sobre o estado da crítica no Brasil, difundida em 1951, e anteriormente, em espanhol, no semanário *Marcha*, de Montevideu (Candido [1945] 1951)

Candido havia passado a fronteira dos quarenta anos quando pisou Montevideu pela primeira vez. Já havia viajado à Europa, lá residindo quando ainda criança, mas a viagem de 1960 foi sua primeira partida do Brasil para qualquer outro ponto americano. E chegou em Montevideu num momento chave, tanto para América quanto para ele mesmo. Era a decolagem de sua maior obra: acabara de publicar *Formação da literatura brasileira*, um trabalho em que a ideia mais clara e vigorosa (e também polêmica), a de sistema literário, começou a fazer seu caminho através de Rama, como já foi exposto em mais de uma oportunidade (Rama, 2006), como é ostensivo na correspondência entre eles (Candido e Rama, [2018] 2016). Em 21 de setembro de 2006, Antonio Candido recebeu o título de Doutor *honoris causa* da Universidad de la República. Na ocasião lembrou, emocionado, sua distante visita e seu trabalho sobre um “tema que me foi proposto [...] relativo aos traços comuns das literaturas latino-americanas”. E acrescentou:

confesso que pouco informado, fiz o que foi possível a fim de cumprir a tarefa. [...] o curso foi uma experiência mais importante para mim que para os estudantes, inclusive porque a estadia em Montevideu abriu possibilidades de conhecer melhor a cultura uruguaia, além de estimular o interesse pelas literaturas hispano-americanas” (Candido, 2016 [2018]: 228).

Com efeito, “La creación literaria latinoamericana (Balance y perspectivas)” foi um título sugerido pelas características gerais do programa dos cursos de verão.⁶ Mas esse comparatismo estrito é

⁶ Além do curso do professor Candido, que é o último no volume, encontram-se os resumos destes cursos relativos a outras disciplinas ministradas por argentinos, uruguaio e mais um brasileiro:

imediatamente relativizado na opinião inicial do professor: “En el presente curso se tratará[n] algunos grandes temas generales [...] fundamentalmente desde el punto de vista del caso brasileño[,] que puede servir como referencia ilustrativa para la literatura de los otros países del continente” (Candido, 1960: 247). Ciente da desproporção dos seus conhecimentos do Brasil em relação aos países hispano-americanos, esta declaração de modéstia e de sensatez, não o exime de utilizar exemplos das literaturas escritas em espanhol americano, que conhecia muito mais do que reconheceu em 2006, tanto de textos literários específicos como os relativos aos contextos. Nesse sentido, o propósito foi considerar “la literatura como expresión sintética de América”. Isso, em um momento em que a ignorância mútua – diz –, já não deveria continuar. Uma circunstancia fortuita fez Antonio Candido proferir seu curso em começos de fevereiro de 1960, ou seja, apenas a um mês e um punhado de dias do triunfo da Revolução cubana, da qual havia pouquíssimas e confusas notícias, e quando a grande crise econômica e social estava um pouco longe no Uruguai, país que ainda parecia uma ilha na América, até entrar dura e tragicamente pelo caminho da discórdia e do autoritarismo. Paralelamente, em 1960 textos fundamentais da literatura hispano-americana, como os contos de *El llano en llamas* (1953), ou o romance *Pedro Páramo* (1955) de Juan Rulfo, que começavam a ser debatidos no México (apud Zapata, 2005), apenas o eram além dessa vasta e complexa geografia. O romance *Los ríos profundos* (1958), de José María Arguedas, era ainda menos conhecido e, como a narrativa de Rulfo, também ignorado por Candido. Estes livros seriam decisivos para sua interpretação posterior, que só em 1972 conseguirá acabar no artigo “Literatura e subdesenvolvimento”.

Mas não lhe eram estranhos os clássicos desde fins do século XIX até os anos trinta, que lhe permitiram afirmar algo central para sua arguição: “la de Latinoamérica es una literatura invasora que penetra por el campo de otras disciplinas. Por eso resulta muy difícil [...] poder decir si son [escritores] o si son oradores, o si son filósofos, o si son políticos”. Daí o caráter que caracteriza com três atributos: “sincrético, sintético e invasor”,

“Formación de la opinión pública en Latinoamérica”, Prof. Norberto Rodríguez Bustamante; “Gravitación de la estrutura social en las posibilidades del desarrollo latinoamericano”, Prof. Gino Germani; “Presente y futuro de la economía latinoamericana”, Prof. Cr. Enrique Iglesias e Prof. Cr. Mario Bucheli; “Latinoamérica en la política internacional”, Prof. Sergio Bagú e “La Universidad latinoamericana como creadora de cultura (Responsabilidad y posibilidades)”, Prof. João Cruz Costa e Prof. Rodolfo Mondolfo.

que permite à literatura da América, da perspectiva de Candido, uma “actuación efectiva sobre la sociedad”, diferentemente da literatura feita na Europa que é “más específica”, ou seja “manifestación artística de impulsos estéticos”, que também existem na América Latina, mas nesta parte do mundo predomina para o crítico uma espécie de literatura como “instrumento general de lucha” (Candido, 1960: 248). Nesse projeto reconhece quatro etapas: a literatura da descoberta da América, a da “trasmigración de Europa”, a da “tensión entre Europa y América” e, por último, a da “expresión sintética de América”. Este diagrama se acopla ao da sua visão de Brasil no livro que acabava de concluir (*Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*).

Mais atrativo é contrastar essa posição com as propostas de Pedro Henríquez Ureña, em cujo livro *Las corrientes literarias en la América hispánica* (1945), como o do Candido originalmente um curso, bem que mais extenso e em Universidade norte-americana, “hay una tentativa para unir el Brasil al bloque latino-americano”, diz Candido.⁷ Sobre a primeira etapa a coincidência com Henríquez Ureña é total. Já na segunda, na periodização do dominicano, abarcaria os capítulos II e III de sua obra, e seria bem mais extensa do que aquilo que restou das palavras de Candido em 1960. A terceira etapa corresponderia aos capítulos IV ao VI; a última, aos que Henríquez Ureña trata nas últimas duas partes. Seja como for, o fundamental é que o crítico hispano-americano, em sintonia com os primeiros passos do comparatismo europeu, sem desprezar a força da cultura e do social, pensa em termos de “especificidade” literária. Candido afirma, com razão, que foi Henríquez Ureña um dos mais notáveis críticos e historiadores da cultura latino-americana a incluir o Brasil numa história geral destas literaturas, diferentemente do grande crítico uruguaio Alberto Zum Felde –que também cita–, que escolheu ficar só com a literatura de língua espanhola nos seus dois *Índices críticos de la literatura hispanoamericana*, sobre o ensaio, e sobre a narrativa, que saíram pouco tempo antes (Zum Felde, 1956; 1959). Embora assim, Candido tinha esquecido de mencionar o esforço comparativo de Arturo Torres Rioseco, das duas grandes áreas linguísticas, físicas e humanas da América, em seu livro sinóptico de 1945, que repetiria em 1964, ainda que sua proposta heurística fosse um tanto convencional (Torres Rioseco, 1945; 1964).

⁷ Uma rápida aproximação ao trabalho de Henríquez Ureña com o de Candido quando, como diz, ainda não conhecia o texto taquigrafado do curso de 1960 em Rocca (2018).

A estratégia de Candido é outra, face à de Henríquez Ureña ou à de Torres Rioseco. Em espaço apertadíssimo, e por sua causa, escolhe alguns exemplos em lugar do grande e mais detalhado panorama de nomes e obras representativas, para submeter o fator estético à consideração dos seus ouvintes-leitores, sob tensões deste mundo, “desde un punto de vista dialéctico”. Por isso, além de afinidades pessoais, privilegia a prosa de ficção e de reflexão; por isso, fica de lado a prosa fantástica ou menos convencionalmente ligada à circunstância americana, na qual está a estrondosa ausência de Jorge L. Borges em sua análise; por isso, também, conclui suas exposições para esse público, universitário, mas que abrange qualquer interessado – na medida em que foi um curso de extensão –, com algumas observações sobre *Grande sertão, Veredas* (1956), espaço ficcional de cruzamento entre o culto e o popular. Talvez foi a primeira vez que se falou deste grande romance fora do Brasil, quando ainda estava longe a sua tradução para o espanhol ou para qualquer outra língua.

IV. Depois da experiência docente de 1960, uma torção dupla fará com que o olhar de Candido volte para a Hispano-América: primeiro, a aproximação com a Revolução cubana; segundo, a participação em um congresso americanista organizado em Génova, em 1965, com a presença de vários dos escritores e críticos mais importantes de América, de Miguel Ángel Asturias até João Guimarães Rosa, de Emir Rodríguez Monegal até Ángel Rama, que publicou uma entusiasta e ampla crônica sobre o encontro (Rama, 1965). Essa foi uma das primeiras vezes em que aconteceu um encontro de escritores, tão numeroso e seletivo ao mesmo tempo, das diferentes partes de América, embora há cinco anos a Casa de las Américas da Havana já convidasse anualmente a muitos escritores para integrar os júris dos seus concursos.

Qualquer crítico, por mais que promova a amplitude e a moderação, acaba defendendo uma estética. Ou duas. O realismo importa para Candido mais do que outro tipo de narrativa; de sua avaliação da poesia hispano-americana só conhecemos referências circunstanciais. O realismo importa a Candido pelo menos desde seus trabalhos sobre Graciliano Ramos até as notas sobre Lopes Neto e, já para incorporar a zona de colonização hispana de América, o artigo de 1972, no qual propôs o conceito de “superregionalismo”, que mudou o sentido da leitura de uma boa parte da narrativa daquele momento. Esse artigo, publicado no plano

coordenado por César Fernández Moreno sobre literatura na América Latina, intitula-se “Literatura e subdesenvolvimento”, e postula que a questão regionalista pode se tornar apenas uma prática discursiva que contribui para formar a imagem do que os hispano-americanos queriam ser. Mas ainda quando fracassara, por esse caminho surgiu uma arte que, de outra forma, teria ficado enclausurada em redutos mínimos. A visão amena do mundo social que o regionalismo acaba impondo, ao fim e ao cabo, contactou o escritor com seu público, às vezes combinando fontes populares e cultas. Estes atingiram sua máxima expressão – segundo Candido – na literatura de Guimarães Rosa, transformação análoga à que verá depois nas obras de José María Arguedas e de Juan Rulfo. O que vai de *Doña Bárbara*, de Rómulo Gallegos a *Pedro Páramo*, de Rulfo é a transição da dependência das formas estéticas e os modelos civilizatórios europeus a seu uso mestiço nos planos estéticos e social. Essa leitura, marcada como nunca antes pela teoria da dependência e o conceito de subdesenvolvimento, acaba situando-se na chave rural e, em consequência, se afasta de uma apreciação “americana” da literatura cosmopolita e menos supostamente envolvida, dilema típico dos anos quarenta até os setenta, atravessado pelo pensamento e pelas opções políticas de Jean-Paul Sartre.

No último terço do século XIX o Brasil teve o extraordinário episódio verbal que significou a literatura de Machado de Assis. A Hispano-América ainda deveria esperar os anos vinte para que na literatura de Borges acontecesse um grau semelhante de inventividade. Antes de Machado de Assis, porém a quem dedicou um exato ensaio em 1970, Candido prefere deter-se em Graciliano e em Rosa, isto é, nas rotas do realismo percorridas pela complexidade psicológica e formal, o ponto de interseção entre a técnica sofisticada e o fluxo da tradição que levava até o Brasil rural profundo e mítico. Algo semelhante foi transposto para seus exemplos favoritos da narrativa hispano-americana.

V. Do seu acesso aos momentos inevitáveis do pensamento e da prosa da segunda metade do século XIX, principalmente no Rio da Prata, e começos do seguinte, Antonio Candido passou ao conhecimento do romance regionalista dos anos vinte: *La vorágine*, de José Eustasio Rivera, a citada *Doña Bárbara*, mas nada da literatura de vanguarda que começou a revalorizar-se por 1970, um pouco por conta narrativas e ensaios de Julio

Cortázar. Logo se interessou pelos relatos de Rulfo, García Márquez, Augusto Roa Bastos, Arguedas e Mario Vargas Llosa. Essa passagem é consistente com suas devoções brasileiras e, de certo ponto de vista, com algumas fontes do pensamento hispano-americano: por um lado, a escrita que observa a América a partir de soluções mais europeias (Sarmiento, Rodó); por outro, as narrativas sobre o universo rural que debateria essa posição. Ainda assim, para o crítico brasileiro as possibilidades de comparação entre as literaturas do seu país e as das terras vizinhas foram bloqueadas quando teriam sido propícias e rentáveis para seus estudos sobre literatura brasileira. Por exemplo, o crítico percebe em *Vidas secas* (1936) que a supressão do narrador de primeira pessoa e dos diálogos “solda no mesmo fluxo o mundo interior e mundo exterior” (Candido, [1945] 1992: 46). Essa insubordinação às técnicas clássicas do realismo, para enunciar o silêncio do rústico, teria crescido se a tivesse comparado com as narrativas missionárias de Horacio Quiroga, em particular as de *Los desterrados* (1926). Sua interpretação sobre a dialética da ordem e da desordem no ensaio “Dialética da malandragem”, a partir de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel A. de Almeida, teria se enriquecido com a leitura do extenso romance *El Periquillo Sarmiento*, de José J. Fernández de Lizardi, publicado no México em 1816, ficção que poderia ser lida com base na sua hipótese de leitura.

No final dos anos sessenta, quando Candido fez sua obra fundamental sobre a literatura brasileira começaram a multiplicar-se seus textos sobre as relações entre as duas Américas. É o caso de “O papel do Brasil na nova narrativa”, difundido no primeiro número da revista *Novos Estudos Cebrap*, em dezembro de 1981 e que, traduzido para o espanhol, foi publicado no volume *Más allá del boom. Literatura y mercado*, coordenado por Rama (1981). Como “A nova narrativa”, este texto entrou no seu livro *A educação pela noite* (São Paulo, Ática, 1987). Nesta versão final sumiu o primeiro parágrafo lido no congresso. A tradução deste trecho suprimido por seu autor diz muito dos desencontros e assincronias, incluindo as próprias leituras hispano-americanas do emissor:

Es curioso que en el temario de este encuentro, el único país expresamente referido sea el Brasil. Los otros temas aluden de modo explícito o implícito a una totalidad de narraciones que integran la realidad cultural llamada “latinoamericana”. Si sólo hubo necesidad de especificar a propósito de una de esas naciones, es porque debe haber algún problema con ella (como en efecto hay) (Candido, 1981: 166).

O problema, visto dessa forma, poderia ser invertido: Hispano-América era quase um espaço vazio no olhar do Brasil, este país continental, e, afinal, além de qualquer exercício comparativo, era um problema político, um anseio de unidade harmônica.

Talvez, na visão de Candido, seu melhor equilíbrio sobre um segmento da outra América, que sempre privilegiou, possa ser encontrado na sua intervenção-comentário da comunicação de Beatriz Sarlo no Seminário Internacional sobre Literatura e História na América Latina, realizado em São Paulo, em setembro de 1991. Nesse momento Sarlo começa a fugir da crítica literária para mergulhar-se em outras disciplinas e saberes. Na sua colocação Sarlo expõe três perspectivas sobre Buenos Aires, três maneiras confluentes de imaginar a cidade: a de Le Corbusier, de viagem pela metrópole do sul, a de Wladimiro Acosta (arquiteto de origem ucraniana), que pensa a cidade do futuro e a de Roberto Arlt no seu romance *El amor brujo*. Candido celebra essa leitura interdisciplinar e, de repente, com cuidado e elegância, desliza seu comentário para o livro *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920/1930*, que a crítica argentina havia publicado em 1988. Deste livro recupera a força da escrita literária: “A reflexão de Beatriz nesta comunicação me fez voltar ao seu livro para sentir mais vivamente os laços que ela estabelece entre a realidade do mundo e a elaboração literária”. A partir deste pressuposto lê a cidade no movimento da literatura a partir do século XVII com base em exemplos tirados de Dickens, Sue, Zola e a poesia romântica até os inícios das vanguardas. Todas as citações vêm da alta literatura, todas da literatura europeia. A conclusão é ilustrativa: “Não foi à toa que Verhaeren influenciou no modernismo brasileiro, pois ele dramatiza uma experiência fundamental para o mundo latino-americano, em transição rápida e tumultuada para o universo urbano” (Apud Aguiar, Chiappini, 1993: 241-242). Contra os seus desejos a própria visão é mais europeia que hispano-americana, com leituras com as que se sente mais cômodo ou que simplesmente conhece mais profundamente do que as da geografia próxima.

Esta será a última estação da sua aproximação dos textos hispano-americanos especificados novamente por textos europeus em defesa das formas, pela leitura mais do que pela repetição de roteiros apriorísticos. Dez anos após deste seminário paulista, em 2001, em um texto quase ignorado porque, tanto quanto sei, somente saiu em espanhol, Candido reafirma sua perspectiva. No prólogo a *El canto del quetzal. Reflexiones sobre*

literatura latinoamericana, do crítico e poeta argentino Ángel Núñez, considera que a literatura do subcontinente “se encuadra en la matriz generadora de las literaturas de Occidente, de las que forma parte” (Candido, 2001: 7). Assim, se declara contra os postulados centrais dos estudos pós-coloniais, que já se haviam manifestado na opinião de Walter Mignolo no congresso de 1991, que naquela oportunidade confessou-se admirador de Candido. Então, Candido se desvia de um Ángel para outro:

Recuerdo también, siempre en la obra de Rama, la concepción de “comarca”, destinada a caracterizar las subunidades que diferencian internamente el corpus de nuestra literatura continental. O, también, tantos puntos de vista iluminadores sobre un rasgo muy peculiar, como es la forma de integración de lo estético y lo político, cosa menos acentuada en las literaturas matrices, pero casi obligada en las nuestras, que expresan la dinámica de países en lucha permanente por su verdadera independencia (Candido, 2001: 10).

A defesa da ocidentalização das literaturas latino-americanas e, simultaneamente, do seu projeto político nos devolve a uma ideia promovida desde *Formação da literatura brasileira*:

Em história literária, convém sempre indagar qual o tipo, ou tipos ideais de homem invocado, explícita ou implicitamente, nas obras dos escritores, porque ele nos dá quase sempre a chave para compreender a correlação da literatura ao momento, ideológico e histórico (Candido [1959] 2006: 60).

Alguns anos depois o crítico descobrirá que essa perspectiva de 1959, forjada sobre as duas faces, estética e política, da literatura brasileira do arcadismo e romantismo, poderia estender-se à Hispano-América.

Referências bibliografia

- AGUIAR, FLÁVIO e LÍGIA C. (orgs.) (1993). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp/ Centro Ángel Rama.
- BANDEIRA, Manuel ([1949] 1969). “Rodó”, em *Literatura hispanoamericana*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo Universal de Cultura: 175-178.
- BOMFIM, Manoel (1905). *A América Latina. Males de origem*. Rio de Janeiro/ Paris: Garnier.
- CANDIDO, Antonio ([1945] 1988)]. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: EDUSP.

CANDIDO, Antonio ([1945] 1951). “De Mello e Souza (sic) opina sobre los problemas de la nueva generación brasileña”, em *Marcha*, Montevideo, N^{os} 558 y 559, 23 y 30 de enero de 1951: 13-14 y 15. [Tradução sem assinatura da enquete realizada por Mario Neme endereçada a Antonio Candido, publicada em *O Estado de S. Paulo*, 1943-1944, e aqui extraída de *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945].

CANDIDO, Antonio ([1945] 1992). *Ficção e confissão. Ensaíos sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34.

CANDIDO, Antonio (1946). “La influencia francesa en la literatura brasileña”, em *Afinidades. Francia y América del Sur*. Montevideo, Servicio Francés de Información.

CANDIDO, Antonio ([1959/1981] 2006). *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos, 1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

CANDIDO, Antonio (1960). “La creación literaria latinoamericana (Balance y perspectivas)”, em *III Cursos Internacionales de Verano, 8-22 de febrero 1960. Reseña de las clases dictadas en el curso sobre Sociedad y cultura latinoamericanas en la realidad internacional. Organizado por el Centro Interuniversitario Regional C.I.R.. Autores varios. Montevideo, Universidad de la República: 247-269. (Versiones sintéticas realizadas por los señores Gutemberg Charquero y Carlos Alberto Passos y revisadas por los profesores correspondientes)*.

CANDIDO, Antonio ([1970] 2004). “Esquema de Machado de Assis”, em *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

CANDIDO, Antonio (1972) “Literatura y subdesarrollo”, em *América Latina en su literatura*. César Fernández Moreno (coord. e introdução) México: Siglo XXI/UNESCO, 1972: 335-353.

CANDIDO, Antonio (1981). “El papel de Brasil en la nueva narrativa”, em *Más allá del boom. Literatura y mercado*, Ángel Rama (comp. e prólogo). México: Biblioteca de Marcha: 166-187. (Trad. de Marcos Lara).

CANDIDO, Antonio ([1989] 2004). “Os brasileiros e a nossa America”, em *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, pp. 143-155.

CANDIDO, Antonio ([1993] 2004). “O olhar crítico de Ángel Rama”, em *Recortes*, São Paulo, Ouro sobre Azul: 155-163. [Originalmente em *Literatura é história na América Latina*, Lígia Chiappini y Flávio Wolf de Aguiar (ed) São Paulo: EDUSP: 263-270]

CANDIDO, Antonio (2001). “Prólogo”, em *El canto del quetzal. Reflexiones sobre literatura latinoamericana*, de Ángel Núñez. Buenos Aires: Corregidor: 7-10. (Sem assinatura de tradutor).

CANDIDO, Antonio y Rama, Ángel (2016 [2018]). *Un proyecto latinoamericano (Correspondencia de Ángel Rama y Antonio Candido con un anexo con la correspondencia de Gilda de Mello e Souza a Rama y textos inéditos de Candido)*. Montevideo, Hum/ Estuario. (Edição, pesquisa, prólogo e notas de Pablo Rocca). [São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/ Ouro sobre Azul, 2018].

Dantas, Vinicius (2002). *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro ([1945] 1949). *Las corrientes literarias en la América hispánica*. México: Fondo de Cultura Económica. (Trad. de Enrique Diez-Canedo).

- HERRERA PARDO, Hugo (2018). “Antonio Candido y Ángel Rama, 1958. *Addenda para una amistad intelectual*”, em *Revista Chilena de Literatura*, Universidad de Chile, Nº 97: 63-86. [Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/3602/360255507004/html/>]
- RAMA, Ángel (1965). “Coloquio de Génova: Dos tareas que valen un viaje”, em *Marcha*, Montevideo, Nº 1.245, 26 de febrero: 28-29.
- RAMA, Ángel (2006). *Literatura, cultura y sociedad en América Latina*. Montevideo, Trilce. (Antología, prólogo y notas de Pablo Rocca). [Ed. em português: *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*, Ángel Rama. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (Trad. de Rómulo Monte Alto)].
- ROCCA, Pablo (2006). *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo, Banda Oriental. [Inclui a entrevista que, depois, se publicou em português: “A experiencia hispano-americana de Antonio Candido”, em *Literatura e sociedade. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP*, Nº 12, 2009: 18-27. (Maria Augusta Fonseca, org.) [Impresso em 2010].
- ROCCA, Pablo (2017). “Brasil y la cuestión americana (Rodó por José Verissimo, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda y João Pinto da Silva)”, em *Anales de Literatura Hispanoamericana*, Madrid, vol. 46: 201-210. [Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/view/58455>]
- ROCCA, Pablo (2018). “Algumas fronteiras hispano-americanas de Antonio Candido”, em *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34: 183-194. (Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz, organizadores).
- RODÓ, José Enrique ([1900] 2019). *Ariel*. Sevilla: Ed. Renacimiento. (Edição, prólogo, notas y cronología de Pablo Rocca).
- TORRES RIOSECO, Arturo. (1945). *La gran literatura iberoamericana*. Buenos Aires: Emecé.
- TORRES RIOSECO, Arturo. (1964). *Panorama de la literatura iberoamericana*. Santiago de Chile: Zig-Zag.
- Zepeda, Jorge (2005). *La recepción inicial de Pedro Páramo (1955-1963)*. México: Fundación Juan Rulfo/ Editorial RM.
- ZUM FELDE, Alberto (1956). *Índice crítico de la literatura hispanoamericana: la ensayística*. México, Guaranía.
- ZUM FELDE, Alberto (1959). *Índice crítico de la literatura hispanoamericana: la narrativa*. México, Guaranía.

(Revisão de Maria Augusta Fonseca)